

A FORMAÇÃO E A PRÁTICA DE EDUCADORES CRISTÃOS VOLUNTÁRIOS ALICERÇADOS NA PERSPECTIVA TEORREFERENTE

THE FORMATION AND PRACTICE OF VOLUNTEER CHRISTIAN EDUCATORS BASED ON THE THEORY-REFERENT PERSPECTIVE

Dr^a Gleyds Silva Domingues¹

RESUMO

A linha argumentativa do artigo é estabelecida no tema da formação e da prática de educadores cristãos voluntários e que atuam na área de ensino com diferentes faixas etárias. A intenção é evidenciar que se faz necessário desenvolver um projeto educativo pautado na perspectiva teorreferente, que se sustenta no único e firme fundamento, Cristo. O problema que norteia a discussão elege a seguinte pergunta: de que maneira o ato de trabalhar com a formação do educador cristão, poderá ajudá-lo a desenvolver uma prática coerente com a perspectiva teorreferente? Afinal, se a sua formação não se fundamenta nessa perspectiva, então isso pode interferir na maneira como desenvolve seu trabalho educativo. A metodologia da pesquisa a ser aplicada é do tipo bibliográfica e explicativa, cuja abordagem é qualitativa. A aplicação da metodologia possibilita explicitar sobre o processo da formação a ser desenvolvido, bem como os possíveis resultados que possam advir de sua aplicação. Reconhece-se a complexidade do assunto, principalmente pela ausência e ou escassez de voluntários em espaços formativos em algumas igrejas, quer seja de grande ou de pequeno porte, porém a sua reflexão é mais que urgente, pois atinge diretamente as gerações e o seu conhecimento sobre a fé vivenciada.

Palavras-chave: Fundamento. Formação. Projeto educativo. Educadores cristãos voluntários.

¹ Pós-Doutora em Educação e Religião. Doutora em Teologia. Mestre em Educação. Graduada em Direito, Teologia, Pedagogia e Educação Cristã. Professora do Programa de Mestrado Profissional em Teologia das Faculdades Batista do Paraná e do Programa de Mestrado em Ministério da Carolina University. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Práxis Educativa na Formação e no Ensino Bíblico. Pesquisadora do Núcleo Paranaense de Pesquisa em Religião (NUPPER). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Laboratório Currículo e Formação de Professores (LAPPUC). ID Lattes: 3982430869583455. ORCID: 0000-0002-4254-321X. E-mail: professora.gleyds@fabapar.com.br.

ABSTRACT

The article's argument revolves around the training and practice of volunteer Christian educators engaged in teaching diverse age groups. It posits the necessity of formulating an educational project rooted in a theoretical-referential framework anchored in Christ. Central to the discussion is the inquiry: How can the cultivation of Christian educators' formation contribute to the alignment of their practice with this theoretical-referential perspective? Failure to ground their training in this perspective may potentially impede the coherence of their educational endeavors. The proposed research methodology entails a bibliographical and explanatory approach with a qualitative orientation. This methodology aims to elucidate the envisaged training process and anticipate its potential outcomes. The complexity of the subject matter is acknowledged, particularly in light of the scarcity of volunteers in educational roles within certain church contexts, regardless of size. Nonetheless, the urgency of this reflection is underscored, as it directly impacts generational understanding and experience of faith.

Keywords: Foundation. Training. Educational project. Christian educators.

INTRODUÇÃO

Abordar a temática da formação de educadores cristãos voluntários e que atuam diretamente no contexto eclesial pode ser algo que cause estranheza, principalmente porque não é requisito para sua ação, ter uma licenciatura, nem mesmo um plano educacional formalizado e uma matriz curricular a ser observada para que possa gerar o perfil de saída esperado. Entretanto, é preciso ressaltar que existe sim um processo formativo que se desenvolve, visto que guarda relação direta com o trabalho educativo promovido na interação entre o conhecimento e os sujeitos da relação ensino e aprendizagem.

É também recorrente encontrar a palavra formação associada a processos e sistemas formais que se situam em um contexto específico: o da instituição escolar, contudo, é preciso observar que no espaço eclesial existe a necessidade de ensinar os fundamentos que estão arraigados na base sustentadora da fé abraçada. Esse ato de ensino precisa ser assumido com responsabilidade, significado e vivência dos princípios.

Não se pode negar a presença dos processos formativos nos espaços oferecidos pelas comunidades eclesiais a partir de seus ministérios com diferentes faixas etárias. É claro que esses têm natureza diversa de espaços formais de educação, mas isso não diminui seu compromisso em oferecer um trabalho educativo pautado nos princípios e valores da fé cristã.

É claro que não se espera que a formação de gerações desenvolvida por comunidades eclesiais substitua ou concorra com a ação educacional de famílias e nem de instituições formais de ensino. Antes, a ideia é de que sejam coparticipantes do processo, essencialmente, visando a parceria com a família, na medida em que apresentam uma proposta contínua e que atenda as especificidades de seu público-alvo.

O processo formativo a ser empreendido por comunidades eclesiais funciona como reforço à prática familiar, porém, reconhece-se que apesar do tempo de permanência nesse processo ser curto, ainda assim compete pensar e planejar o percurso a ser trilhado. Isso indica que comunidades eclesiais têm um projeto educativo a ser efetivado, cuja natureza é complementar à formação que se espera estar desenvolvendo no interior das casas.

A presença de um projeto educativo sinaliza para uma ação formativa a ser efetivada e que ganha corpo no trabalho dos educadores cristãos voluntários. Afinal, a condição de voluntário está associada ao engajamento na prática do servir com excelência em diferentes áreas ministeriais presentes em comunidades eclesiais.

Os educadores cristãos são fundamentais ao desenvolvimento, sistematização e aprimoramento desse projeto. Aqui é que se inscreve a necessidade de pensar a formação do educador cristão voluntário, provendo de conhecimentos, meios e recursos para ação. Afinal, sobre cada um deles recai o compromisso do ensino e da aprendizagem e que necessita ocorrer de maneira significativa e apropriada com a base da fé assentada.

Ressalta-se, ainda, que não se tem espaço para amadorismo no campo da fé e nem da ministração das Escrituras, o que requer que seja efetivado por educadores cristãos voluntários que tenham maturidade na fé e um testemunho de vida que possa influenciar e inspirar pessoas. Isso evidencia que o espaço educativo precisa ser ocupado por aqueles que conhecem a Palavra e que vivem segundo os seus princípios e preceitos.

Compete ao educador cristão voluntário o aprofundamento, a pesquisa e a explanação de modo atraente, vivo, coerente e conectado com a realidade. Ou seja, ele precisa fazer a integração entre os princípios presentes no ensino bíblico com a caminhada de fé. Só assim é que se pode dizer que houve correlação e produção do sentido sobre o aprendido.

Sendo assim, a direção a ser perseguida no artigo requer identificar a relevância da formação e da prática do educador cristão alicerçado na perspectiva teorreferente, uma vez que compreendeu que seu trabalho influenciará na formação de gerações, podendo fortalecer e consolidar a base de fé. Se não for essa a intenção educativa, compete repensar no propósito de sua atuação na área do ensino e da aprendizagem.

Para que se possa desenvolver os argumentos, elege-se o seguinte problema: de que maneira o ato de trabalhar com a formação do educador cristão, poderá ajudá-lo a desenvolver uma prática coerente com a perspectiva teorreferente? Afinal, se a sua formação não se fundamenta nessa perspectiva, então isso pode interferir na maneira como desenvolve seu trabalho educativo.

A metodologia da pesquisa a ser aplicada é do tipo bibliográfica e explicativa, cuja abordagem é qualitativa, visto que se tem a intenção de explicitar o processo da formação a ser desenvolvido, bem como os possíveis resultados que possam advir de sua aplicação.

Não se tem a pretensão de esgotar o tema, mas de trazer contribuições que possam ser consideradas pelas lideranças de comunidades eclesiais junto aos educadores e a maneira como podem trabalhar a sua formação alicerçada na perspectiva teorreferente, centrada no plano providencial de Deus e que encontra razão de ser na ação de fazer discípulos para o reino.

1. FINALIDADE DE UM FUNDAMENTO NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES CRISTÃOS VOLUNTÁRIOS

Antes de tratar sobre a temática da formação de educadores cristãos, compete apresentar a finalidade de se eleger um fundamento diante dessa formação, tendo em vista que o seu propósito é oferecer segurança. Afinal, o fundamento serve como sustentação de um processo a ser desenvolvido. Ele garante que os pilares não sofram alterações, mas que preservem a sua essência, ou seja, o modo como foram ensinados e estruturados.

As Escrituras revelam a presença deste fundamento ao associarem-no a Cristo (1Co 3.11). Se Cristo é o alicerce que sustenta toda a estrutura e que não há outro a ser empregado em seu lugar, logo é possível deduzir que a base de todo o conhecimento está firmada nele, sendo a referência que ocupa a centralidade do processo formacional, o que se pode atribuir a denominação teorreferente. Ainda, cabe esclarecer que “o alicerce é lançado pela proclamação do evangelho de Jesus Cristo”,² por ser a verdade que transforma vidas.

O termo teorreferente é sinalizador do eixo que dinamiza a existência, além é claro de evidenciar os atributos de Deus revelados nas Escrituras, os quais não se objetiva que apenas os conheça, mas os identifique na própria criação e na pessoa de Cristo, além de constatá-lo no plano providencial desenhado

² WIERSBE, Warren L. Novo Testamento 1: comentário bíblico expositivo. São Paulo: Geográfica, 2017, p. 757.

nos episódios da criação, queda, redenção e nova criação. Essa é a linha que promove a unidade da Escritura, por isso, que “faz sentido; ela tem um princípio, um meio e um fim”.³

A partir do plano providencial, também, pode ser contemplada a sua influência na existência do ser humano, o seu lugar na criação, a desordem que causou à criação e a deturpação da sua imagem. Esse plano, ainda, revela sobre a redenção em Cristo que restaura toda a criação e a imagem do ser humano diante de Deus. Isso ocorre porque “a verdade de Deus não está oculta em algum lugar escondido”;⁴ antes é acessível e está a disposição para ser conhecida, pois o seu conteúdo é Cristo.

O ato educativo se apresenta como uma das maneiras de disseminação do conteúdo revelacional,⁵ pois é o meio utilizado para compartilhar sobre as verdades reveladas nas Escrituras, essas sim promovem a transformação, o que requer comprometimento daqueles que são responsáveis diretos por assegurar o ensino às gerações: pais e educadores cristãos.

Ainda sobre o alicerce, as Escrituras deixam claro que é Deus que elevou Cristo a esta posição. Isso indica que não compete ao ser humano estabelecer o alicerce. “Afim, só existe um fundamento sobre o qual se pode erigir este edifício espiritual, o qual foi posto. Esse fundamento é Jesus Cristo. Esse é básico. Ninguém pode começar em nenhum outro lugar”.⁶ Ter isso mente ajuda no entendimento de que o alicerce será responsável por dar forma ao conteúdo, delineando sua estrutura, definição, tamanho e resistência.⁷

Macaulay esclarece que “o evangelho é a sabedoria divina; não foi fabricado pelo homem, mas revelado – nesse sentido, portanto, não se trata de uma filosofia”.⁸ Existe um distanciamento entre eles, o que ajuda a deduzir que a revelação é portadora da verdade, que não se altera no percurso da história. Ela é firme, duradoura e resistente ao tempo. Perpassa as gerações e as convida não apenas a conhecerem, mas aceitarem e viver segundo essa verdade. Deus os “chama a obedecer à verdade (Gl 5.5)”.⁹

Esclarece-se, portanto, que na prática formacional a ser desenvolvida, não se trata de aplicar teorias educacionais em substituição à base Cristo. Elas não testificam da verdade, não falam da eternidade e nem apresentam o propósito da salvação. Antes, estão centradas na perspectiva humana; e que por tal razão se distanciam da mensagem do evangelho.

Trazer teorias educacionais com a justificativa de que se quer atender ao desenvolvimento humano, pode ser uma decisão que produza consequências negativas à formação cristã, visto que não traduz o sentido da vida que está em glorificar a Deus. Essa é a essencialidade do processo formativo. Afim, “a vida cristã é definida na Palavra como tendo sua origem em Deus, seus métodos de viver nos princípios do Senhor e sua direção ou propósito final sendo a glória dele”.¹⁰

O alicerce da formação precisa estar centrado em Cristo, assim é que se pode desenvolver os pilares que sustentam a fé e os conhecimentos que são indispensáveis à aprendizagem, no sentido de apropriação, vivência e compartilhamento. Defende-se “a perspectiva baseada na Bíblia: centrada em Cristo, capacitada pelo Espírito, que glorifica a Deus e a nós cedida através da graça”¹¹ é que oferece a direção e a lente correta para a vida.

Compreende-se, então, que ao ter a base estabelecida, é que se firmam os pilares associados à prática cristã. Esses ganham expressividade na maneira de sentir, pensar, crer, fazer e agir. A expressividade pode ser considerada como modos de exercer a identidade em Cristo e que se delineiam nos relacionamentos.

³ MACAULAY, Randal. **A loucura do que pregamos**: reflexões sobre I Coríntios 2.1-5. In: SCHAEFFER, Francis A. A nova super espiritualidade. Brasília: Monergismo, 2022, p. 48.

⁴ MACAULAY, 2022, p. 51.

⁵ RINALDI JR, Roberto. **Educação na perspectiva cristã**: uma reflexão sobre essa abordagem e seu impacto na família, igreja, escola e nação. São Paulo: AECÉP, 2012, p. 10.

⁶ MORRIS, Leon. **1 Coríntios**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 54.

⁷ WIERSBE, 2017, p. 757.

⁸ MACAULAY, 2022, p. 50.

⁹ MACAULAY, 2022, p. 47.

¹⁰ JEHLE, Paul. **Ensino e aprendizagem**: uma abordagem filosófica cristã. São Paulo: AECÉP, 2015, p. 25.

¹¹ RYKEN, Philip. **Cosmovisão Cristã**: com guia para estudos e glossário. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 27.

Sustenta-se, então, que o ato de ser, sentir, pensar, crer, fazer e agir guarda relação com a base que sustenta a vida cristã e que está ancorada na perspectiva teorreferente, tal como pode ser desenhada por meio da seguinte ilustração:



Figura 1: Dimensões humanas e a perspectiva teorreferente
Fonte: Autora, 2024.

A centralidade estabelecida pela perspectiva teorreferente sinaliza que todas as dimensões humanas precisam estar conectadas a ela, ou seja, é preciso ter uma visão referenciada em Cristo, visto que “Ele é Senhor do intelecto e Senhor do corpo. Ele deseja que afirmemos a vida”.¹² Nesse sentido, existe uma identificação com Cristo, isto é, senso de pertença, cujo propósito é alcançar a sua mente (2Co 10.5). Contudo, para que isso ocorra, é preciso que a mente humana passe por uma transformação, ou seja, pela *Metanoia*. “O termo grego *Metanoia* [...] significa mudança da mente. Assim, o ser cristão implica em primeiro lugar mudar a forma de pensar”¹³, ou seja, sua cosmovisão.

O processo da *Metanoia* é requerido na vida cristã, uma vez que “Ao desenvolver uma cosmovisão apropriadamente cristã por meio do discipulado da mente cristã, estamos desenvolvendo nossa capacidade de adoração sagrada e o amor santo”¹⁴ que são marcas essenciais de uma vida em unidade com Cristo.

Cabe reiterar que ter a mente de Cristo requer fazer uso do raciocínio, da lógica, do entendimento, isto é, de processos que envolvem a argumentação.¹⁵ “Se os padrões de pensamento da mente são bíblicos, esculpidos pelas verdades da Palavra de Deus, então serão canais que fluem com o rio da verdade”.¹⁶ É necessário que os pensamentos estejam submetidos ao senhorio de Cristo¹⁷. É uma atitude de sujeitar-se à sua autoridade. O ato de submissão a Cristo envolve obediência e cumprimento dos princípios contidos nos ensinamentos ministrados, sendo, portanto, uma prática de observância.

É na observância dos pressupostos que se pode detectar argumentos contrários à verdade proclamada, visto que oportuniza senso de direção e permite a sua correção, por intermédio da contraposição aos falsos ensinamentos.¹⁸ Ter a mente de Cristo é um farol que afasta as mentiras e as falácias presentes em uma falsa ideia de fé pautada no sucesso, na ausência de sofrimento e na particularidade humana.

¹² SCHAEFFER, 2022, p. 43.

¹³ “El término griego metanoia, que las versiones españolas traducen como «arrepentimiento», significa literalmente «cambio de mente». Así que hacerse cristiano implica en primer lugar cambiar en la forma de pensar” (DÖNNER, T. **Posmodernidad y fe: una cosmovisión cristiana para un mundo fragmentado**. Barcelona: CLIE, 2012, p.13, tradução livre).

¹⁴ RYKEN, 2015, p. 23.

¹⁵ Sire define o termo argumento como o que parte de pressupostos válidos e ou inválidos e que não tem erros de raciocínio lógico. Ainda apresentam provas irrefutáveis e respostas às questões levantadas, contudo esclarece que isso não determina a sua aceitação e por muitas razões, tais como cosmovisão, falta de informação, barreiras ideológicas, crenças diferenciadas, influências culturais, dentre outras (SIRE, James W. **Por que bons argumentos não funcionam?** Em busca de uma apresentação mais persuasiva da mensagem de Cristo. São Paulo: Cultura Cristã, 2023, p. 63).

¹⁶ JEHLE, 2015, p. 122.

¹⁷ KRUSE, Colin. **2 Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 186.

¹⁸ KRUSE, 2014, p. 185-186.

Os pressupostos podem ser considerados como os pilares que são sustentados por um fundamento. Eles evidenciam os princípios, por isso que existe uma intencionalidade buscada e que se consolida na formação do pensamento, ou seja, sua função pode ser transformadora ou escravizadora. Como bem salienta Pearcey, “todo sistema de pensamento se inicia em algum princípio último. Se não começa em Deus, começa com uma dimensão da criação”.¹⁹

O princípio é norteador da formação que se deseja alcançar, o que faz eleger pilares para que possam dar dinamicidade ao projeto educativo. Elege-se aqui, os princípios bíblicos porque são aplicáveis, ou seja, eles podem ser experimentados em diferentes situações da vida. Sinaliza-se que a sua natureza é vivencial.

Os princípios se apresentam na forma de pilares, os quais precisam guardar correlação com o fundamento eleito. É preciso que haja coerência e logicidade, visto que são eles que direcionam o trabalho formativo a ser efetivado. Por isso, ao se ter bem claro a base de sustentação, compete manter afinidade com os pilares levantados.

2. APLICABILIDADE DOS PILARES E O PROCESSO FORMACIONAL

A presença dos pilares é significativa para dar subsídios ao processo formativo dos educadores cristãos voluntários. Eles, inclusive, podem ser utilizados como temas de estudo e aprofundamento. Se os educadores conhecerem os pilares e sua aplicação na prática da vida cristã, isso contribuirá significativamente com o trabalho educativo a ser desenvolvido junto às gerações. Sire informa que isso ocorre porque:

Os cristãos querem conhecer a verdade. Apreçamos a pesquisa e o ensino; respeitamos as descobertas da ciência e estamos engajados em seu estudo; cremos que todas as pessoas podem ter conhecimento, mesmo os pós-modernos; cremos que não podemos saber todas as coisas, assim como os modernos; reconhecemos o valor da vida e do meio-ambiente; valorizamos o intelecto humano; rejeitamos a fé cega; e preocupamo-nos com o nosso futuro, bem como o de nossa família.²⁰

A partir das considerações de Sire, é preciso reiterar que os cristãos não são contra o conhecimento e nem são opositores da evolução e das descobertas científicas, antes apresentam uma postura positiva que possibilita elaborar, produzir e comunicar sobre o conhecimento, “o que remete à utilização do ato reflexivo, criador e criativo”.²¹ É um equívoco acreditar que o posicionamento dos cristãos é distanciado da racionalidade e como bem disse Macaulay²², há referências do apóstolo Paulo que evidenciam o uso da argumentação nos debates e arrazoados travados com os que não conheciam a verdade do evangelho. De fato, o apóstolo “ênfatisa a importância da razão humana, seja de crentes ou a de descrentes”.²³

A racionalidade está presente nas reflexões e no processo de argumentação a ser desenvolvido, que precisa ser nutrido pela consistência, coerência, plausibilidade (factibilidade) e aplicabilidade do que se deseja conhecer com profundidade. Cada um desses elementos favorece a apropriação pela via da aprendizagem.

A consistência tem a ver com o grau de certeza, o que produz convicção. A coerência expressa a estrutura utilizada na construção de ideias e argumentos. A plausibilidade se insere no terreno da possibilidade. A aplicabilidade diz respeito à utilidade do que foi apropriado. Existe um movimento presente no ato do conhecer e que é mediado pela compreensão, significação e apropriação. Então, só se conhece quando há entendimento do objeto associado à vida.

A racionalidade é permeada pela reflexão em ação. Não se pode pensar em sua existência distanciado da

¹⁹ PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta**: libertando o Cristianismo de seu cativeiro cultural. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 45.

²⁰ SIRE, 2023, p. 122.

²¹ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a educação cristã bíblica**: por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2018, p. 90.

²² MACAULAY, 2022, p. 48-49.

²³ MACAULAY, 2022, p. 48.

praticidade que envolve as situações do dia a dia. Por isso que o ato da reflexão em ação gera posicionamento ou uma resposta ao problema enfrentado. O ato de pensar não é livre, antes se assenta em pressupostos que são colocados à prova, no sentido de afirmação ou refutação.

Ryken assegura que o pensamento firmado em uma cosmovisão cristã contribui para que cristãos estejam conectados com a vida em suas múltiplas dimensões. Ainda esclarece que “quando surgem os conflitos, e isso acontece com frequência, compreender a cosmovisão pode nos ajudar a fonte mais profunda do conflito e explicar a diferença que faz [...] de seguir a Jesus Cristo”.²⁴ A partir disso, é possível ilustrar a presença da racionalidade na produção de reflexões e argumentos, lançando mão da seguinte configuração:

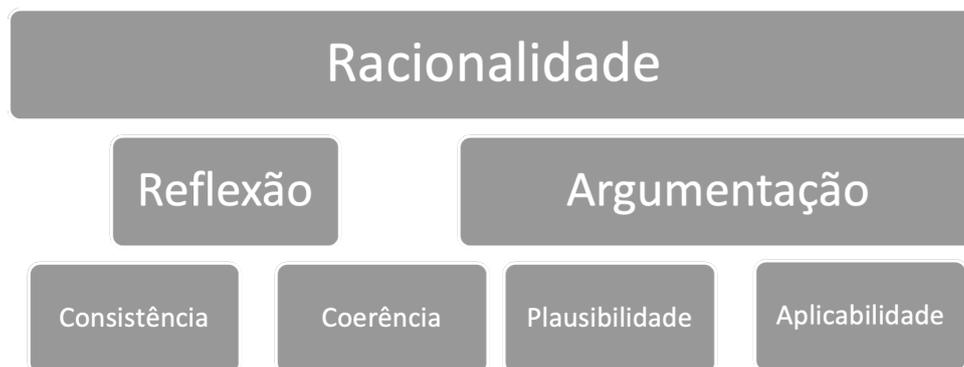


Figura 2: A dinâmica do conhecimento expressa na racionalidade
Fonte: Elaboração própria, 2024.

A racionalidade é responsável pela produção de argumentos, visto que são eles que apresentarão a razão de pensar de uma maneira e não de outra. De crer a partir de uma base e não de outra. De eleger as explicações que correspondem ao que se defende como verdade. Embora, cabe esclarecer que no âmbito do pensamento cosmovisional bíblico, os pressupostos não estão assentados na eleição humana, antes são fruto da revelação de Deus para a humanidade e que se integram ao seu plano providencial.

Reitera-se que a cosmovisão bíblica apresenta como premissa a revelação de Deus. Nela, é possível identificar um plano de redenção e restauração de toda a criação, inclusive, do ser humano, que em Cristo Jesus tem sua identidade, bem como sua imagem regenerada.

A cosmovisão bíblica tem a centralidade estabelecida em Deus e no seu plano efetivado na pessoa de Jesus Cristo. As Escrituras atestam sobre o seu propósito e, ainda, apontam que o sentido de toda a criação é a glorificação. É com este sentimento que Ryken esclarece que o ato de se afirmar que se tem essa cosmovisão, é uma expressão de que, “o que amamos e o que pensamos seja direcionado à glória de Deus, e a menos que isso esteja prontamente evidente na maneira como vivemos no mundo”²⁵, não se pode afirmar que a direção seguida é bíblica.

A cosmovisão bíblica pode ser verificada por meio do testemunho de vida, ou seja, nas dimensões humanas: ser, fazer, agir, crer, pensar e sentir. Não há como dissociar a cosmovisão da vida. Não há meios de adotá-la para fazer parte de um grupo social. Ela envolve decisão e comprometimento com a verdade de Cristo. “Quanto mais vivemos e nos movemos na verdade, mais facilmente podemos discernir o erro”.²⁶

Ressalta-se que não se pode dizer que é discípulo de Cristo, quando não se vive e anda conforme seus ensinamentos. Antes, o discípulo precisa ter sua identidade firmada e confirmada por seus posicionamentos. Nesse sentido, “a espontaneidade de nossa vida em Cristo deve ser viva e bem clara

²⁴ RYKEN, 2015, p. 21.

²⁵ RYKEN, 2015, p. 23.

²⁶ JEHLE, 2017, p. 29.

para que todos vejam”.²⁷ Eis uma forma de dar evidências da cosmovisão que orienta a ação e a prática de vida. Assevera-se que se for a cosmovisão bíblica, esta requer atitude, coragem e ousadia daqueles que professam Cristo.

O testemunho é a prova viva da presença de Cristo. Ele pode influenciar pessoas, despertar curiosidade e aguçar o desejo pelo conhecimento. Isso indica que “os alunos precisam ver Cristo como a origem dos próprios conceitos que ensinamos. Eles precisam ver a natureza de Cristo ser exaltada [...] Essa verdade só será evidenciada pela qualidade de vida cristã do professor”.²⁸

Sire esclarece que não se pode impor o evangelho e nem mesmo obrigar pessoas a aceitá-lo, contudo, o que os cristãos podem fazer é “orar, devemos orar e de fato oramos para a hora da verdade conduza a Jesus como Senhor e Salvador”,²⁹ que se esteja atento a isso, como também a conduta expressa nos relacionamentos.

Os pressupostos da cosmovisão bíblica podem ser utilizados no processo de ensino, visto que se vinculam ao ato formativo a ser desenvolvido. Este “é um meio para comunicar a revelação de Deus, quer seja pelo testemunho, pela vivência ou troca de experiência”.³⁰ Evidencia a natureza relacional que é tão necessária à formação das gerações, como da racionalidade na reflexão e produção de argumentos eficientes.

Estabelecida a dinâmica entre racionalidade e cosmovisão bíblica, compete apresentar os pilares que estão assentados na base, Cristo. Esses são definidos com temáticas bem próximas ao que se conhece por pressupostos estruturantes da cosmovisão cristã.³¹

Sire³² apresenta 8 pressupostos e que versam sobre o ser e os atributos de Deus, o ato criador, o ser humano enquanto imagem e semelhança de Deus, a natureza moral do ser humano, o ato de conhecer, a obra de redenção de Cristo, a ética proveniente do caráter de Deus, o papel da história.

Domingues apresenta como pressupostos da cosmovisão bíblica os seguintes pressupostos: Deus, o Criador; Cristo, o Senhor; Mordomia; Viver Relacional; Ética; e Base Bíblica³³, os quais serão combinados com os de Sire na formação do projeto formativo. A partir dessa eleição, é possível visualizar a elaboração de um currículo essencialmente alicerçado na cosmovisão bíblica, o qual expressa a perspectiva teorreferente.

Esta perspectiva “não se impõe por meio da discriminação, mas por intermédio do amor [...] sua intermediação é fundada no princípio de amar a Deus e ao próximo. O amor constrange a ação daquele que observa e crê nessa verdade”.³⁴

Ainda, é preciso dizer que os pressupostos evidenciam a presença de princípios gerais que fundamentam o sentido de ser dessa cosmovisão. Assim, eles discorrem sobre o ser de Deus; criação (a origem da vida, a razão da existência); queda; a redenção em Cristo; o papel da história, a ética e viver relacional, mordomia (mandato cultural) e eternidade. Os pressupostos podem ser configurados assim:

²⁷ JEHLE, 2017, p. 33.

²⁸ JEHLE, 2017, p. 33.

²⁹ SIRE, 2023, p. 118.

³⁰ DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org.). **Estudos temáticos em cosmovisão cristã**: olhares sobre diferentes áreas da vida. Curitiba: Olsen/Getsêmani, 2022, p. 25.

³¹ Cosmovisão bíblica expressa a leitura e a interpretação a partir da ótica da revelação de Deus. A sua centralidade está no plano providencial de Deus na história e que se firma no governo, autoridade e soberania divina sobre toda a criação. Portanto, não é uma criação humana ou fruto de especulação. Antes diz respeito ao propósito de Deus e sua ação presente nos episódios da criação, queda, redenção e nova criação.

³² SIRE, James W. **O universo ao lado**: a vida examinada, um catálogo de cosmovisões. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 30-47.

³³ DOMINGUES, Gleyds Silva. Cosmovisão bíblica e o sentido da fé: por uma proposta formativa de excelência. Winston-Salem: **Aletheias**, 2019, p. 294-316.

³⁴ DOMINGUES, 2018, p. 85.



Figura 3: Fundamento e pressupostos da formação de educadores cristãos

Fonte: Autora, 2024.

Com os pilares estabelecidos em seus pressupostos, pode-se pensar em um programa formativo direcionado aos educadores cristãos voluntários, no sentido de alinhar sua cosmovisão às Escrituras, ao mesmo tempo em que se objetiva favorecer o estudo, o aprofundamento e a produção de argumentos relevantes que explicitam e evidenciam a fé abraçada.

3. O PROJETO FORMATIVO PARA EDUCADORES CRISTÃOS VOLUNTÁRIOS

O significado de projeto é lançar para frente, o que indica uma visão prospectiva. Então, a sua intenção é estruturar o que se deseja implantar no futuro, que pode ser próximo ou não. Entretanto, quando se associa à formação de educadores cristãos situados no ministério de ensino de suas comunidades de fé, pensa-se na urgência de sua implementação.

Cabe pensar que a estrutura e organização de um projeto requer um plano de ação que seja factível e simples de aplicação. O que não se pode deixar de lado é o estudo aprofundado dos pressupostos que norteiam a cosmovisão bíblica, visto que são eles que pautarão os temas de estudo a serem desenvolvidos. Assim, “a origem, o método e direção ou alvo de todas as coisas podem apenas ser compreendidos quando Deus está em Seu lugar de direito”.³⁵ Além disso, cada pressuposto pode ser explicitado, a fim de possibilitar o conhecimento do que será ensinado.

Para Rushdoony, “o ensino da Bíblia dever ser feito com conhecimento e sabedoria. A Bíblia é a revelação divina ao homem; objetiva a comunicação da parte de Deus, do propósito e da salvação ao ser humano”,³⁶ o que pressupõe que esse deve ser o conteúdo essencial da formação dos educadores cristãos.

A explicitação pode gerar uma Unidade Temática, a qual deve conter uma descrição síntese dos pontos-chave. Essa descrição requer a produção de uma ementa, que apresenta a síntese do estudo temático a ser desenvolvido. A redação da ementa pode ser feita, usando frases que descrevem conceitos, características, relações e etapas.

Um exemplo de ementa da Unidade Temática Cosmovisão Bíblica e Pressupostos pode ser assim redigida: O estudo de cosmovisões como parte essencial para compreensão de sua finalidade. Conceito e

³⁵ JEHLE, 2017, p. 22.

³⁶ RUSHDOONY, Rousas J. **A filosofia do currículo cristão**. Brasília: Monergismo, 2019, p. 77.

características da cosmovisão bíblica. Os pressupostos da cosmovisão bíblica e sua influência na formação das gerações. Estudo e descrição de cada um dos 8 pressupostos eleitos.

Já o plano de ensino estrutura-se em objetivo da formação, público-alvo, periodicidade (indica se a formação ocorrerá semestral, anual, quinzenal ou mensal), unidade temática (cada um dos pressupostos), ementas e temas de estudo, estratégia de ensino, recursos e avaliação.

Como meio de alcançar uma grande parte dos educadores voluntários, pode-se desenvolver o projeto formativo ministrando os temas mediados por aplicativo e subsidiados com material bibliográfico (produzido pela Igreja ou a partir de artigos que ajudem na compreensão dos conceitos sobre os pressupostos). Compete, ainda, iniciar com o ensino da temática da cosmovisão bíblica, por se tratar de uma base revelacional e que apresenta todos os pressupostos a serem estudados.

Jehle salienta que “é importante ordenar o curso de forma que esteja de acordo com os princípios bíblicos e ideais vistos como os mais importantes para serem passados de uma geração a outra”.³⁷ O que implica dizer que não se pode distanciar deles, mas torná-los parte integrante e ativa do processo formativo a ser sistematizado no ensino bíblico. Rushdoony acrescenta que:

A Bíblia é fundamental para o processo total da educação por apresentar o significado dos fatos e o propósito da educação. [...] O conhecimento e a sabedoria se unem na fé cristã bíblica e devem estar unidos na educação cristã.³⁸

Neste entendimento, reitera-se que o projeto formativo não pode ser feito de maneira aligeirada, antes requer tempo e investimento, tanto daqueles que atuarão na formação, como daqueles que participarão do processo formacional. A finalidade é que ao final haja concordância e certeza diante de questões essenciais à fé, uma vez que educadores e educandos atuarão como comunicadores da mensagem revelada.

Compete aos educadores cristãos em formação responderem com convicção as seguintes questões: de onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou? A morte é a terminalidade? Existe algo que se possa fazer para conquistar a salvação? Qual o papel do Espírito Santo? Qual o sentido da mordomia? Qual o papel da História?

Cope ressalta que “as verdades do Evangelho do Reino existem para nos transformar enquanto nos ensinam sobre como viver em cada área de nossas vidas”³⁹, isto indica ter consciência do propósito e da missão a serem desempenhados como discípulos de Cristo.

As respostas às questões geram a convicção de que a revelação divina esclarece e demonstra que o “essencial não é fazer por fazer, mas porque se compreendeu o sentido de esse fazer”⁴⁰, uma vez que está associado ao ato de glorificação, portanto, é uma forma de adoração.

Cabe ainda refletir sobre o currículo que pautará a formação a ser efetivada por esses educadores cristãos. Esse currículo pode ser feito com a ajuda dos educadores ao final do projeto formativo, enquanto atividade avaliativa. Ou pode ser desenvolvido pela equipe dos formadores e apresentado para ser apreciado, o que pode vir a sofrer alterações. Essa é uma decisão a ser considerada por cada comunidade de fé, com base em sua realidade e demanda.

Para a elaboração e desenvolvimento do currículo pode ser feita uma estimativa de 12 a 36 meses. Afinal, ele é uma ferramenta que precisa ser revisitada e adaptada continuamente. Não se faz um currículo para perdurar por muitos anos. É preciso evitar estudos repetitivos e que não despertem

³⁷ JEHLE, 2017, p. 26.

³⁸ RUSHDOONY, 2022, p. 76.

³⁹ COPE, Landa. **Modelo social do Antigo Testamento**: redescobrimo princípios de Deus para discipular as nações. Almirante Tamandaré: JOCUM, 2007, p. 28.

⁴⁰ DOMINGUES, Gleyds Silva. Fundamentos bíblico-teológicos de missões. In: DOMINGUES, Gleyds Silva; GUERRA, Eliane Greice de Oliveira; FERREIRA, Ronilce Ribeiro (Orgs.). **Descubra seu lugar no plano de Deus**. Curitiba: Discipular, 2016, p. 31.

a curiosidade, mesmo que seja apresentado por outro educador cristão. A repetição só é saudável para visitar conceitos que não foram apropriados de maneira significativa.

É preciso ter consciência que “nós ensinamos a Bíblia; ensinamos o plano de salvação nela contido; e o caminho da salvação. Ensinamos: o resto está nas mãos do Espírito Santo e do ministério da palavra”⁴¹, portanto, é preciso que esse fazer esteja ancorado na excelência e no compromisso de fazer discípulos para o reino.

A pretensão é de que a proposta formativa atinja mente e coração dos educadores cristãos voluntários. Que eles tenham consciência sobre a responsabilidade que repousa em sua ação educativa. Que compreendam que não é um tempo a ser desperdiçado, mas utilizado com objetivo definido: fazer discípulos. Para tal, é preciso que estejam firmes dos pressupostos que dinamizam a cosmovisão bíblica, estando preparados para apresentar com doçura, simplicidade e amorosidade a razão da fé (1Pe 3.15). Eis o desafio do seu trabalho educativo.

A formação e a prática de educadores cristãos voluntários têm um espaço certo, um conteúdo definido e eterno, uma proposta confiável e um resultado possível, os quais foram outorgados pelo próprio Deus nas Escrituras, por intermédio do seu plano providencial concretizado perfeitamente em Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação e a prática de educadores cristãos voluntários ganham expressividade quando está firmada na cosmovisão bíblica, cuja base essencial é Cristo. Sem essa referência não se tem como dizer que o trabalho efetivado guarda correlação com a verdade revelacional de Deus.

Sobre a problemática levantada de que maneira o ato de trabalhar com a formação do educador cristão, poderá ajudá-lo a desenvolver uma prática coerente com a perspectiva teorreferente, compete dizer que é uma necessidade a ser levada a sério pelas comunidades de fé, principalmente, porque está diante deles o ensino sobre as verdades eternas.

Não se pode apenas dispor de um conteúdo e transmiti-los sem que haja estudo, profundidade, preparo e convicção. A formação das gerações é um tema que precisa ser considerado como prioridade pela liderança eclesial, porque ela é que dirá como será o futuro da igreja e do seu compromisso em fazer discípulos para o reino.

Compreende-se que se tem muito a discorrer sobre o tema eleito, contudo, a intenção é de alertar, inquietar e motivar à ação. Ainda é tempo para promover a formação de educadores e educandos pautados numa perspectiva genuinamente bíblica e teorreferente. Que se aceite o desafio de fazer a diferença para a Igreja e para o futuro das gerações.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. Versão Almeida Século XXI. São Paulo: Vida Nova, 2013.

COPE, Landa. **Modelo social do Antigo Testamento:** redescobrimos princípios de Deus para discipular as nações. Almirante Tamandaré: JOCUM, 2007.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Cosmovisão bíblica e o sentido da fé:** por uma proposta formativa de excelência. Winston-Salem: **Aletheias**, 2019. p. 294-316.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Diretrizes para a educação cristã bíblica:** por uma nova proposta educacional. Curitiba: Emanuel, 2018.

⁴¹ RUSDHOONY, 2022, p. 78.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Fundamentos bíblico-teológicos de missões. In: DOMINGUES, Gleyds Silva; GUERRA, Eliane Greice de Oliveira; FERREIRA, Ronilce Ribeiro (Orgs.). **Descubra seu lugar no plano de Deus**. Curitiba: Discipular, 2016.

DOMINGUES, Gleyds Silva. Razões para o estudo sobre o objeto cosmovisão em sua vertente cristã bíblica. In: DOMINGUES, Gleyds Silva (Org.). **Estudos temáticos em cosmovisão cristã: olhares sobre diferentes áreas da vida**. Curitiba: Olsen/Getsêmani, 2022.

DONNER, T. **Posmodernidad y fe: una cosmovisión cristiana para un mundo fragmentado**. Barcelona: CLIE, 2012.

JEHLE, Paul. **Ensino e aprendizagem: uma abordagem filosófica cristã**. São Paulo: AECEP, 2015.

KRUSE, Colin. **2 Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MACAULAY, Ranald. A loucura do que pregamos: reflexões sobre I Coríntios 2.1-5. In: SCHAEFFER, Francis A. **A nova super espiritualidade**. Brasília: Monergismo, 2022.

MORRIS, Leon. **1 Coríntios: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta: libertando o Cristianismo de seu cativeiro cultural**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

RINALDI JR, Roberto. **Educação na perspectiva cristã: uma reflexão sobre essa abordagem e seu impacto na família, igreja, escola e nação**. São Paulo: AECEP, 2012.

RUSHDOONY, Rousas J. **A filosofia do currículo cristão**. Brasília: Monergismo, 2019.

RYKEN, Philip. **Cosmovisão Cristã: com guia para estudos e glossário**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

SCHAEFFER, Francis A. **A nova super espiritualidade**. Brasília: Monergismo, 2022.

SIRE, James W. **O universo ao lado: a vida examinada, um catálogo de cosmovisões**. São Paulo: Hagnos, 2001.

SIRE, James W. **Por que bons argumentos não funcionam? Em busca de uma apresentação mais persuasiva da mensagem de Cristo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2023.

WIERSBE, Warren L. **Novo Testamento 1: comentário bíblico expositivo**. São Paulo: Geográfica, 2017.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional